

# LÁGRIMA DE URSO

PESTE

**Lúcia Castelo Branco**

Faculdade de Letras

Desde que os humanos resolveram infringir as leis estipuladas na comunidade, o urso decidiu que também ele deveria violar as regras que os estúpidos teimavam em lhe impor.

E saiu à rua, descalço e sem roupas, feliz da vida e lalarilando. Já não aguentava mais. Eles insistiam em tratá-lo como homem, obrigá-lo a trabalhar, a se vestir, a se calçar. Obrigá-lo a respeitar filas e sinais de trânsito. A declarar imposto de renda (de que renda, que ele não tinha?), a pagar o INPS. A ser partidário (até onde isso fosse possível em sua condição de irracional). E essa terminologia que ele não entendia, e essas palavras gastas que ele não sabia usar. Era disso que tinha medo: ser partidário. De qualquer forma, o nome soava bonito e era bom sentir o barulho opaco que a palavra produzia. Era como usar sapatos. Primeiro se impressionava com a cor, o brilho e o cheiro de coisa nova. Depois que os calçava, o couro era duro e lhe doía nas patas. Mas agora não, seria tudo melhor. Com a greve dos homens pobres, ele, a quem por fatalidade ou proveito fora imposta esta condição, também estaria em greve. E poderia sair novamente nu e despreocupado nas ruas, como nos velhos tempos em que tudo ainda era selva.



Mas o homem da esquina, guardião da noite e da lei, esse não permite homens nus no meio da rua e ainda por cima felizes. E o abarca, subitamente:

— Acaso você julga, que por uma greve quotidiana de assalariados, pode andar assim pelas ruas da cidade?

— Mas, como? Fala assim por que rio?

— Falo por que ri e por que está nu.

— Mas eu não sinto frio, senhor. E, além do mais, está uma bela noite. E por que é uma bela noite e por que não sinto frio, estou feliz. Eis por que rio.

— E ainda é gozador, o malandro. Você sabe o que pode lhe acontecer por ironia, desacato à autoridade?

— Obrigarem-me a trabalhar? A usar sapatos e roupas? Não, senhor, isso eu não aguento.

— E como quer que EU aguento vê-lo nu?

— Mas, senhor, roupas me sufocam. E pra que roupas se eu tenho meus pelos que me aquecem o corpo, e o meu corpo, senhor, será tão medonho assim?

E o guarda, alto e de voz grossa, boquiaberto de susto e sono, sem saber o que fazer, apita para outro guarda, que guarda uma outra esquina. Um guarda ainda mais alto, de voz ainda mais grossa. Uma autoridde ainda mais SUPERIOR. E para o urso:

— Agora você vai aprender a tratar um superior.  
E o guarda-MOR aproximando-se:

— Mas o que é isso? O que faz esse homem nu no meio da noite? Acaso foi assaltado?

— Não posso ser assaltado porque nada tenho para que me assaltem, senhor, essa é uma das vantagens de se andar nu e sem nada nas mãos.

E o guarda-MOR: ( — Um sonso. O mais sonso que já vi por esses lados. )

E para o outro guarda:

— Reviste-o. Ele pode trazer alguma coisa escondida nos cabelos, nos pés, sei lá, em qualquer parte...

E para o urso:

— Onde estão seus documentos?

— Eu não os tenho, senhor. E, se os tivesse, onde os carregaria se não tenho bolsos?

— E por que não os tem?

— E para que tê-los?

— Chega! Saiba que eu sou um SUPERIOR, sou AUTORIDADE, EU REPRESENTO A LEI!

— Mais ainda que o outro senhor? disse o urso olhando para o outro guarda que cochilava e babava recostado ao muro, a cabeça tombada de sono e inutilidade.

— Mais ainda do que ele.

— Mais ainda que todos os cidadãos dessa cidade?

— Mais, muito mais.

— Mais do que o senhor presidente?

— Cale-se! Saiba que vou levá-lo preso. Desacato à autoridade, atentado ao pudor e suspeita de subversão.

— Oh, senhor, não. Eu detesto jaulas e sei que lá vou sofrer e talvez mesmo morrer de dor.

E o guarda-MOR, virando-se para o outro guarda, já acordado com os gritos:

— Leve-o. Coloque as algemas e tenha cuidado. Pode ser perigoso.

Mas as algemas não couberam. As mãos eram grandes demais e só então os homens viram como eram grandes e peludas. E em gargalhadas frenéticas:

— Ah! Ah! É um louco! E além de tudo aleijado. Homem com mãos de animal!

Os homens riam e não paravam de rir absortos com mãos tão estranhas. E riam e não paravam de rir, quase esquecidos das algemas, da prisão, do atentado, do desacato, da subversão. Quase esquecidos da esquina, da noite, das conveniências, os homens rindo e se cuspindo de rir.